



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

1º Semestre 2018

Ciclo I ⇨ Monica Audi

Ciclo II ⇨ Ligia Zaborowsky

Ciclo III ⇨ Umberto Conti

Ciclo IV ⇨ Nathalia Botura de Paula Brennecke

Ciclo V ⇨ Lucas Carvalho Liedke

Ciclo VI ⇨ Delza Rodrigues de Souza

Índice

Ciclo I

Monica Audi

A FABULOSA FORMAÇÃO DE COMPROMISSO03

Ciclo II

Ligia Zaborowsky

FALHA NA INTERDIÇÃO PATERNA E SUAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS.....11

Ciclo III

Umberto Conti

UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL: DO PAI MÍTICO DE "TOTEM E TABU", DE FREUD, À CASTRAÇÃO COMO OPERADORA DOS DESEJOS, EM LACAN.....19

Ciclo IV

Nathalia Botura de Paula Brennecke

O CIÚME EM OTELO E A INVEJA NA TETRALOGIA NAPOLITANA: DOSSIÊS LITERÁRIOS DO AMOR.....25

Ciclo V

Lucas Carvalho Liedke

MAIS UM TEXTÃO SOBRE EMPATIA.....41

Ciclo VI

Delza Rodrigues de Souza

O EXERCÍCIO DA ESCUTA - FLUTUAÇÕES.....48

1º Semestre 2018

Ciclo I

Aluno: Monica Audi

Título: A FABULOSA FORMAÇÃO DE COMPROMISSO



“Qualquer caminho leva a toda parte.
Qualquer caminho
Em qualquer ponto seu em dois se parte
E um leva aonde indica a ‘strada
Outro é sozinho.
Um leva ao fim da mera ‘strada
Para onde acabou.
Outro é abstrata margem.
Ah! Os caminhos ‘stão todos em mim.
Qualquer distância ou direção, ou fim
Pertence-me, sou eu.
O resto é a parte
De mim que chamo mundo exterior.
Mas o caminho deus eis se biparte
Em o que sou e o alheio a mim.”
Fernando Pessoa

Introdução

Ao que me proponho, quando inicio esse texto?

Ao iniciar esse texto me proponho uma viagem pelos caminhos que se abrem no entendimento de um conceito psicanalítico. Aceito o convite feito à reflexão sobre o processo do curso e como isto me afeta pessoalmente. Decido dar corpo a um fluxo de associações e percursos de pensamento e apresentá-los como narrativa de um processo, muito mais do que propor alguma revelação.

Escolho a “Formação de compromisso”, porque a expressão me intriga. Porque mora nela algo que me permitiu viajar em associações.

As palavras contidas na expressão “Formação de compromisso” são correntes. É senso comum a ideia mesma de que há um contrato que fazemos permanentemente para a manutenção dos laços sociais e que implica a escolha do que dizemos, dentre tudo o que pensamos e a forma como dizemos. Não é tão direto, entretanto, o entendimento de que inconscientemente e internamente já temos uma estrutura contratual, que rege o que nos permitimos conhecer daquilo que de fato nos afeta e habita.

Nos textos contidos na Psicopatologia da Vida Cotidiana, Freud apresenta o conceito de Inconsciente e mostra como sua teoria está aplicada em nossas manifestações diárias, sem necessariamente estar relacionada a uma expressão patológica. Todos temos um Inconsciente, detentor de nossos desejos, a que tentamos reprimir em nome do que a Cultura e em última instância, nós mesmos, determinamos como aceitável.

Esse desejo, ou esse afeto, necessita encontrar uma descarga, um caminho de expressão, já que a expressão direta foi recalcada. Esse “escape” se dá através de atos falhos, ou sintomáticos, dos sonhos ou qualquer outra formação do inconsciente. Decorre daí, que o sintoma é a formação de compromisso entre o desejo recalcado e a defesa, que permite ao recalcado se mostrar no consciente de forma alterada.

Formação de compromisso: Forma em que o recalcado assume para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho e, mais geralmente, em qualquer produção do inconsciente. As representações recalçadas são então deformadas pela defesa ao ponto de serem irreconhecíveis. Na mesma formação podem assim ser satisfeitos – num mesmo compromisso – simultaneamente o desejo inconsciente e as exigências defensivas.

É a partir do estudo do mecanismo da neurose obsessiva que Freud ressalta a ideia de que os sintomas têm em si mesmos a marca do conflito defensivo de que resultam.¹

A psicanálise se propõe a escutar o sintoma, sabendo que o caminho feito para a sua expressão pode ser trilhado de volta, ainda que haja muitas formas de encobrimento do afeto original. “O símbolo é consciente, a ideia simbolizada, Inconsciente²”.

Os afetos, todos os humanos os temos. A Cultura terá sua necessidade de reprimir sempre:

O último traço de uma cultura que temos de considerar, decerto não o menos importante, é o modo como são regulamentadas as relações dos seres humanos entre si, as relações sociais que dizem respeito ao ser humano na condição de vizinho, de ajudante, de objeto sexual de outro, de membro de uma família, de um Estado. Nesse ponto é particularmente difícil livrar-se de determinadas exigências ideais e apreender aquilo que é propriamente cultural.

Começamos com a explicação, talvez, de que o elemento cultural esteja dado com a primeira tentativa de regulamentar essas relações sociais.

Se não ocorresse tal tentativa, essas relações ficariam submetidas ao arbítrio do indivíduo, quer dizer, aquele que fosse mais forte fisicamente as decidiria de acordo com seus interesses e impulsos. [...]

[...] Uma boa parte da luta da humanidade se concentra em torno da tarefa de encontrar um equilíbrio conveniente, ou seja, capaz de proporcionar felicidade, entre essas exigências individuais e as reivindicações culturais das massas, e é um dos problemas cruciais da humanidade saber se esse equilíbrio é alcançável através de uma determinada conformação da cultura ou se tal conflito é irreconciliável³.

A forma como conciliamos o desejo e o seu recalque, ou como serão nossos sintomas, serão sempre individuais?

Cada cultura cria suas diferentes expressões linguísticas sob bases gramaticais e sintáticas próprias, porém correlatas. Será que cria da mesma forma sintomas próprios?

Segui dois caminhos associativos diferentes a partir dessas indagações, sabendo que não obteria essas respostas, mas que a pergunta poderia servir para promover reflexões.

¹ Verbete Formação de compromisso – Vocabulário da Psicanálise – Laplanche e Pontialis, pg.198.

² Fenichel, O. – O Desenvolvimento Psíquico Inicial : o Ego Arcaico, pg.42.

³ Freud, O Mal estar na Cultura, p. 96; 99

Uma fábula sobre a fábula

A transmutação do desejo para se mostrar à consciência obedece a regras de formação que a literatura também encampa. A fábula é um tipo universal de narrativa que usamos para tratar as questões morais. Não parece ser coincidência que estas tenham sido difundidas em tantas diferentes culturas ao longo dos séculos, nem que tratem de temas tão correlatos.

Em seu texto: “Uma fábula sobre a fábula” Malba Tahan descreve deliciosamente o percurso da Verdade para conseguir adentrar o palácio. A verdade nua e crua não consegue o intento, mas...

Uma fábula sobre a fábula (Lenda Oriental⁴)

Allahur Akbar! Allahur Akbar! (Deus é grande! Deus é grande!)

Quando Deus criou a mulher criou também a fantasia.

Um dia a Verdade resolveu visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harun Al-Raschid.

Envolta em lindas formas num véu claro e transparente, foi ela bater à porta do rico palácio em que vivia um glorioso senhor das terras mulçumanas. Ao ver aquela formosa mulher, quase nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?

- Sou a Verdade! - respondeu ela, com voz firme. – Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harun Al-Raschid, o Cheique do Islã!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, apressou-se em levar a nova ao grão-vizir:

- Senhor, - disse, inclinando-se humilde, - uma mulher desconhecida, quase nua, quer falar ao nosso soberano, o sultão Harun Al-Raschid, Príncipe dos Crentes.

- Como se chama?

- Chama-se a Verdade!

- A Verdade! - exclamou o grão-vizir, subitamente assaltado de grande espanto. - A Verdade quer penetrar neste palácio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A perdição, a desgraça nossa! Dize-lhe que uma mulher nua, despudorada, não entra aqui!

Voltou o chefe dos guardas com o recado do grão-vizir e disse à Verdade:

- Não podes entrar, minha filha. A tua nudez iria ofender o nosso Califa. Com esses ares impúdicos não poderás ir à presença do Príncipe dos Crentes, o nosso glorioso sultão Harun Al-Raschid. Volta, pois, pelos caminhos de Allah!

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou muito triste a Verdade, e afastou-se lentamente do grande palácio do magnânimo sultão Harun Al-Raschid, cujas portas se lhe fecharam à diáfana formosura! Mas...

⁴ Minha vida querida. Tahan, Malba. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p.93-98.

Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também a Obstinação.

E a Verdade continuou a alimentar o propósito de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harun Al-Raschid...

Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi novamente bater à porta do suntuoso palácio em que vivia o glorioso senhor das terras mulçumanas.

Ao ver aquela formosa mulher grosseiramente vestida com peles, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?

- Sou a Acusação! - respondeu ela, em tom severo. -Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harun AlRaschid, Comendador dos Crentes!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu a entender-se como o grão-vizir.

- Senhor - disse, inclinando-se humilde, - uma mulher desconhecida, o corpo envolto em grosseiras peles, deseja falar ao nosso soberano, o sultão Harun AlRaschid.

- Como se chama?

- A Acusação!

- A Acusação? - repetiu o grão-vizir, aterrorizado. – A Acusação quer entrar nesse palácio? Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Acusação aqui entrasse! A perdição, a desgraça nossa! Dize-lhe que não, que não pode entrar! Dize-lhe que uma mulher, sob as vestes grosseiras de um zagal, não pode falar ao Califa, nosso amo e senhor!

Voltou o chefe dos guardas com a proibição do grão-vizir e disse à Verdade.

- Não podes entrar, minha filha. Com essas vestes grosseiras, próprias de um beduíno rude e pobre, não poderás falar ao nosso amo e senhor, o sultão Harun AlRaschid. Volta, pois, em paz, pelos caminhos de Allah!

Vendo quem não conseguiria realizar o seu intento, ficou ainda mais triste a Verdade e afastou-se vagarosamente do grande palácio do poderoso Harun Al-Raschid, cuja cúpula cintilava aos últimos clarões do sol poente.

Mas...

Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também o Capricho.

E a Verdade entrou-se do vivo desejo de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harun Al-Raschid.

Vestiu-se com riquíssimos trajes, cobriu-se com joias e adornos, envolveu o rosto em um manto diáfano de seda e foi bater à porta do palácio em que vivia o glorioso senhor dos Árabes.

Ao ver aquela encantadora mulher, linda como a quarta lua do mês de Ramadã, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?

- Sou a Fábula - respondeu ela, em tom meigo e mavioso.

- Quero falar ao vosso amo e senhor, o generoso sultão Harun Al-Raschid, Emir dos Árabes!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu, radiante, a falar com o grão-vizir:

- Senhor, - disse, inclinando-se, humilde - uma linda e encantadora mulher, vestida como uma princesa, solicita audiência de nosso amo e senhor, o sultão Harun Al-Raschid, Emir dos Crentes.

- Como se chama?

- Chama-se Fábula!

- A Fábula! - exclamou o grão-vizir, cheio de alegria. – A Fábula quer entrar neste palácio! Allah seja louvado! Que entre! Benvinda seja a encantadora Fábula: Cem formosas escravas irão recebê-la com flores e perfumes! Quero que a Fábula tenha, neste palácio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha!

E abertas de par em par as portas do grande palácio de Bagdá, a formosa peregrina entrou.

E foi assim, sob o aspecto de Fábula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso califa de Bagdá, o sultão Harun Al-Raschid, Vigário de Allah e senhor do grande império mulçumano!

A formação de compromisso representa a forma fabulosa com que o desejo é admitido no consciente e assim como na fábula, as diversas formas que utiliza para se acobertar.

Guera, puera, quera

Quando ouvi pela primeira vez o conceito de formação de compromisso, imaginei uma mesa, na qual sentava-se o afeto de um lado, o recalque de outro e um juiz, encarregado da conciliação. Sei que o conceito surgiu antes que Freud tivesse formulado a segunda tópica, mas projetei a cena percebendo aí uma pista dos caminhos por ele percorridos.

A seguir, lembrei-me de um texto do prof .Lauand lido anos antes, que trata do sufixo Guera, da língua Tupi (que também pode assumir as formas quera ou puera).

Ao juntar, a um vocábulo x , a terminação -guera (-quera ou -puera , de acordo com a eufonia), obtemos uma curiosa alteração semântica: x-guera é o que foi x , não é mais (ao menos, em sentido próprio e rigoroso), mas preserva algo daquele x que um dia foi. Assim, anhangá é diabo, espírito com poderes; já anhanguera é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em

plenitude. Mais do que a "diabo velho" é a esse remanescente poder diabólico que se refere a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na "água" (aguardente) para intimidar os índios. Ibirapuera é o que resta daquilo que um dia foi mata (Ibirá); Itaquera , o mesmo para pedreira (ita é pedra); e Piaçaguera é porto em ruínas, que quase já não se usa mais.⁵

Para a língua Tupi, o que passou deixa sua marca, seu traço, naquilo que se transforma. Assim, se o sintoma carrega em si o traço do afeto que o formou, poderia ser então um "afetoguera", um "desejopuera".

Essa possibilidade da língua Tupi de trazer o reconhecimento de que aquilo que resulta da transformação de algo, ainda que se torne outro, carrega sempre a marca do que o originou traz algumas possibilidades associativas sedutoras. Se "cutuc" é ferir com ponta e "cutucaguera" é cicatriz, podemos dizer por extensão, que o evento traumático é carregado, citado na marca que deixou.

É aqui que essa associação se mostra incongruente, ou incompleta: o sufixo não se presta adequadamente ao que chamamos de formação de compromisso, justamente porque revela demais. O compromisso só se firma pelo lado do recalque enquanto oculte de alguma forma o afeto inicial. Lembremos que a Verdade, com roupas diáfanas, tem sua passagem negada. O retorno do recalco se dará através de ideias coligadas por condensação ou deslocamento, ou através da conversão, como sintoma no corpo.

O sufixo está mais adequadamente ligado à retomada e preservação do encadeamento, do que propriamente do seu encobrimento. Para que haja a apropriação e superação de um evento traumático é necessário o reconhecimento do trauma e o compartilhamento da narrativa do sofrimento. Para Christian Dunker:

Tudo se passa como se o trauma adquirisse uma nova força à medida que ele não é reconhecido. É como se ele se realizasse uma segunda vez, primeiro na experiência do mal-encontro, segundo na impossibilidade de compartilhá-lo narrativamente. Para Freud, o trauma não é apenas o encontro com uma experiência intrusiva, hostil ou sexual, que pode acontecer de forma mais ou menos empírica na vida de uma pessoa. O trauma é um dispositivo de subjetivação, ou seja, por meio dele nos constituímos como sujeitos.⁶

⁵ Lauand, Jean - O que continua, se não é mais?, dez 2011

⁶ Dunker, Christian – A Reinvenção da Intimidade, pg.44

A narrativa dessa constituição talvez esteja privilegiada na língua Tupi, já que enseja esta ligação entre o evento inicial e o que dele é feito ao longo do tempo. Quer o evento seja um trauma, quer seja um desejo ou afeto de qualquer ordem, pode ser muito útil e econômico lançar mão de uma única palavra para marcar a sua mudança de estado ao longo do tempo.

Conclusões

Esse é um exercício que tem a marca da inquietação de um sujeito em busca de analisar a si, suas formas de ligação e aprendizado, suas conexões associativas e a partir disto, construir uma narrativa própria. Ainda que dispersa, busca um fio condutor, um alinhavo entre impressões.

A parte difícil tem sido ainda suportar que não haja um fim, uma forma definitiva, uma conclusão que possa ser compartilhada e reconhecida.

As questões sobre o que é nosso, individual e intransferível -- nossa forma de sofrer -- e o que é o mal-estar da cultura, em permanente transformação e retorno; sobre como nos constituímos desejantes na cultura do desejo pret-à-porter; as conciliações possíveis entre nosso desejo, nosso recalque e o desejo do outro... estas são as que permanecerão sempre em aberto, para nos fazer caminhar.

Bibliografia

- Dunker, Christian. *Reinvenção da Intimidade – Políticas do Sofrimento Cotidiano*. São Paulo, Ubu Editora. 2017.
- FENICHEL, Otto *O Desenvolvimento Psíquico Inicial : o Ego Arcaico In Teoria Psicanalítica das Neuroses*. Tradução Dr. Samuel Penna Reis. Livraria Atheneu Ltda. Rio de Janeiro, 1981. Pg.29-47.
- Freud, Sigmund. *Atos Casuais e Sintomáticos (1901)*. em Edição Standard Brasileira da Obras Completas de Sigmund Freud - Volume VI, Rio de Janeiro, Imago.
- Freud, Sigmund. *Alguns Comentários Sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise (1912)*. em Sigmund Freud - Obras completas - Volume 10 ,Tradução Paulo César de Souza, São Paulo, Cia das Letras, 2010.
- Freud, Sigmund. *O Mal Estar na Cultura - Tradução de Renato Zwick*, Porto Alegre, L&PM, 2010.
- Laplanche, Jean, e Pontalis. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Lauand, Jean - O que continua, se não é mais?, Artigo publicado na Revista , em dez/2011 - Disponível em: HYPERLINK "<http://www.jeanlauand.com/LPo68.htm>" <http://www.jeanlauand.com/LPo68.htm> , Acessado em 11/10/2107
- Roudinesco, Elisabeth, e Michel Plon. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

1º Semestre 2018

Ciclo II

Aluno: Ligia Zaborowsky

Título: FALHA NA INTERDIÇÃO PATERNA E SUAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS

AMY- documentário (2005)

INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a influência dos relacionamentos familiares durante a infância e o possível sofrimento psíquico decorrente de falhas nesta fase. O foco principal, apesar do longo caminho até ele, é a interdição, o limite, “a função paterna”, imprescindível à subjetivação da criança.

Supondo que os conceitos trabalhados durante o curso sobre Complexo de Édipo, Identificação, Alteridade e Interdição possam ajudar nas reflexões aqui explicitadas, fiz um “passeio” por diversos autores, os quais me ajudaram a rever e entender melhor pontos do desenvolvimento psíquico do bebê até a fase fálica.

Usarei um dos documentários sobre a vida da cantora Amy Winehouse (1983- 2011) como ilustração do assunto, incluindo hipóteses sobre a própria. *Para tanto, peço permissão à própria Amy Winehouse e sua família para invadir a história deles com suposições e questionamentos que me surgiram durante todo o documentário.* A decisão sobre o tema se deu pelo fato de, em um deles, a relação edipiana com os pais e a falta de interdição, ter chamado a minha atenção em especial, diversas vezes durante o documentário - apesar de o longa conter muitos temas com grande potencial a serem abordados (relação com a mãe e com o pai, alcoolismo e adição, a arte/música, o namorado alcoólatra e adicto, etc.). Ao assistir outros comentários e entrevistas com a Amy e as pessoas que convivia, sempre aparecia uma grande falha no relacionamento com os pais.

Importantíssimo ressaltar que, ao assistir tais documentários, o que me vinha à mente eram tantas “Amys” que estão entre nós, no nosso convívio social, nas famílias conhecidas, nos consultórios clínicos, nas clínicas de reabilitação e em hospitais psiquiátricos. “Amys” infelizes,

perdidas, com sintomas diversos: alcoolismo, adição às drogas, bulímicas e anoréxicas, depressivas, incapazes de dar um rumo razoavelmente saudável a seus projetos e relacionamentos.

Contudo, este trabalho consiste em usar a imagem da cantora como um exemplo ilustrador para rever na teoria alguns conceitos que suponho ter apreendido durante o curso. Para não correr o risco de fazer hipóteses a partir de comentários de terceiros, ou da mídia, usarei predominantemente as falas de Amy no documentário. Contudo, não posso me esquivar de assumir que algumas falas dos pais também ajudaram a ilustrar as minhas ideias. Foram diversos os assuntos abordados na biografia, tanto pela própria Amy como pelos seus pais e amigos, mas aqui usarei recortes bem específicos nas falas de Amy sobre os pais (e seu relacionamento com eles) e a falta da interdição.

Mais uma vez insisto que fiz apenas hipóteses e suposições sobre as dificuldades na vida da cantora e que vieram à tona (hipóteses) também a partir das nossas “Amys” que estão por aí...

DOCUMENTÁRIO “ AMY”

Hoje em dia, há várias biografias escritas sobre a Amy, inclusive feitas pelos seus pais. O documentário a que me refiro neste trabalho é o “AMY”, dirigido por Asif Kapadia, (vencedor do Oscar de 2016 como melhor documentário em longa-metragem) no qual há a participação e depoimentos de várias pessoas que eram íntimas de Amy: família, amigos, namorados, empresário, produtores. A própria Amy faz vários depoimentos sobre si, espontâneos ou respondendo a perguntas de outros.

“Amy”, o documentário, mostra pouco da infância de Amy, trata mais sobre sua carreira, seus vícios e as dificuldades diante do sucesso (fama, obrigações e os incansáveis “paparazzi”). Há filmagens, fotos e falas que abrangem situações desde a infância da cantora até um dia antes de sua morte. Há também trechos filmados por conhecidos da cantora, e alguns feitos pela própria Amy.

Amy, de família judaica, morava no norte de Londres com os pais e irmão mais novo. Durante a infância ela ouvia muita música em casa, mas, quando se deparou com o Jazz, foi uma adoração. A mãe trabalhava em uma farmácia e o pai era motorista de táxi. Muitas vezes quem ficava com Amy era sua avó paterna, figura marcante e forte, a quem Amy amava e admirava muito. A morte desta avó foi motivo de sofrimento para a cantora. “*Minha avó é a*

coisa mais presente na minha vida. Tudo o que tenho devo à minha avó, toda a minha força eu devo à ela...” diz Amy.

Na sua infância o casamento dos pais não era bom, o pai já tinha um outro relacionamento, mas só se separou da mãe quando Amy tinha 9 anos. Amy também fala sobre isso. E se queixa da mãe falando que esta não conseguia falar um “pare” para sua filha. *“Minha mãe criou sozinha os filhos dela porque quando meu pai estava lá ele nunca estava lá. Mesmo nos momentos importantes...não falo de levar na escola -mas à noite, quando nos comportamos mal ou não queremos dormir. Meu pai nunca estava lá para dizer: “obedeça sua mãe”. Era tudo o que precisávamos. Ele dizia que estava trabalhando...”, “eu costumava sorrir muito, era bem feliz, simpática ...até dos meus 9 depois que meus pais se divorciaram eu vestia o que queria, xingava, usava maquiagem era descolada, fiz tatuagem, coloquei piercing...eu matava aula saía com meu namorado. Minha mãe me ligava na hora do almoço e geralmente eu estava deitada com meu namorado”...*

Aos 14 anos Amy foi diagnosticada com depressão e medicada, dizia que os remédios a deixavam tonta e não sabia o que era depressão. *“Eu tinha um lance com música, por isso escrevia música. Eu não era uma pessoa confusa. Há muitas pessoas que sofrem de depressão e não tem saída, entende? Eles não podem pegar um violão e se sentir melhor”...*

Desde adolescente Amy escrevia músicas e poemas sobre o que acontecia na vida dela. Decepção com namorados, pai e reabilitação devido às drogas e álcool. Em **“Rehab”**, por exemplo, Amy canta em certo momento: “I ain’t got the time and if my daddy thinks I’m fine”, fazendo referência à primeira vez que sua família achou que ela precisava de ajuda. Amy falou sobre este momento, que só iria para a clínica de reabilitação caso o pai achasse que ela deveria.

Em 2005, na música “Back to black”- Amy canta sobre a quebra na relação com o namorado Blake. Kapaida, diretor do documentário, comenta sobre o namorado Blake: *“Quanto a Blake, já sabíamos o quanto fazia bem e mal à Amy. Ela disse inúmeras vezes que o amor que sentia por ele é pior que uma droga. Seu relacionamento marca a pior fase, quando Amy se afunda na cocaína, no crack e na heroína”.*

DO NASCIMENTO À INTERDIÇÃO

Não há como falar de psicanálise sem considerar que o Complexo de Édipo é o núcleo a partir do qual o indivíduo se constitui. Acontece na fase fálica e sucumbe ao medo da

castração, dá origem ao super eu e à entrada no período da latência. (Freud, 1924- A Dissolução do Complexo de Édipo).

Ao nascer, há um encontro traumático entre mãe e filho(a) devido à grande assimetria entre os dois. O bebê existe enquanto desejo da mãe, depende totalmente dos cuidados dela, e os excessos e/ou faltas marcam o desenvolvimento da sua vida psíquica. Anterior à fase edípica, no autoerotismo, a libido do bebê é voltada totalmente para si, não há o outro e sim um eu totalmente “fundido” no outro, a mãe. A mãe e o bebê são uma coisa só. Este momento é o da identificação primária.

É evidente que a mãe citada durante o trabalho pode ser a própria mãe ou quem vier a fazer a sua função. O bebê sofre uma invasão de estímulos desde o nascimento e ainda não tem representações simbólicas para elaborar este mundo cheio de excitações. Depende da mãe (ou de quem fizer a função materna) para ajudá-lo na captação das suas necessidades, transformando em erógeno o pequeno corpo antes apenas orgânico. A mãe, com seu inconsciente e sua história de vida é quem dá estímulos ao bebê. Pode investir com excessos ou falta, conforme sua própria realidade psíquica.

Segundo Green (O Complexo de Castração, 1991 – pg. 82) cabe à mãe, prover seu bebê de amor, segurança e proteção no caminho para a aquisição progressiva da sua independência. Esta mãe, por sua vez, também tem no seu inconsciente as marcas do relacionamento que teve com seus próprios pais.

De acordo com Winnicott, a neurose tem origem nos primeiros relacionamentos interpessoais.

...”A saúde mental de cada criança é possibilitada pela mãe enquanto esta preocupa-se com a criação de seus filhos. A palavra “ devoção”, se despida do seu sentimentalismo, pode ser usada para descrever o fator principal sem o qual a mãe não pode dar a sua contribuição, a adaptação sensível e ativa às necessidades de sua criança- necessidades que, no início, são absolutas...” (Winnicott 1952 – “Da Pediatria à Psicanálise”, capítulo sobre psicoses e cuidados maternos –pg.306).

“...A base para a saúde mental é instaurada pela mãe desde a concepção e ao longo dos contatos comuns por ela dispensados ao bebê, em razão de sua motivação especial neste sentido...” (pg. 315)

A mãe, através de seus cuidados para com o bebê, é quem instaura a diferença entre ternura e sensualidade, é quem pode investir excessiva ou insuficientemente em seu filho, é quem através da ilusão deduz suas necessidades, é também quem pode trabalhar as

potencialidades do bebê para a futura independência ou até o contrário... agir a favor da não mudança, o que pode desestruturá-lo.

Esta mãe por sua vez, também tem no seu inconsciente as marcas do relacionamento que teve com seus próprios pais. Segundo Green (O Complexo de Castração-1991), a criança preenche os desejos e aspirações fálicas da mãe, pois é o símbolo do seu pênis. A criança, além das fantasias sobre o sexo masculino, também herda as fantasias da mãe e o modo como essa se relaciona com “seu pênis”.

No desenrolar do “édipo feminino”, segundo Freud em A Dissolução do Complexo de Édipo, 1924) a menina substitui a mãe pelo pai, a mãe que não lhe deu o pênis por quem poderá dá-lo na substituição, conforme equação simbólica: pênis = bebê. Não há a renúncia do pênis (castração) sem a compensação. Seu complexo de Édipo culmina com o desejo de receber do pai um filho como presente.

Acontece a identificação da menina com a mãe, outrora sua rival. A identificação, primeira forma de ligação afetiva e sempre ambivalente, vem tanto com a ternura como também com a hostilidade. Os dois aspectos coexistem sem interferir um no outro. Como vimos em Totem e Tabu, o indivíduo devora o objeto admirado aniquilando-o e incorporando-o ao mesmo tempo.

“A identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele objeto que é tomado como modelo. Perde-se o objeto e, ao mesmo tempo, o introjeta no Eu. Simultaneamente à existência deste objeto perdido introjetado no Eu, surge uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele.” (Freud, 1921- A identificação). Esta instância, que Freud chama de Ideal de Eu contém consciência moral, crítica, censura, e é a grande influência para o surgimento do recalque. Ideal de Eu é o que Freud vai dar o nome do Super- Eu (Super Ego).

“Num primeiro momento, que corresponde a relação dual narcísica, é necessário e suficiente, para ser gostado e amado pela mãe, ser o falo que a completa”. “Num segundo momento a criança descobre a diferença entre os sexos, descobre que a mãe não tem “falo”, é incompleta, e então busca outro que supostamente o tenha: o pai”. (Silvia Leonor Alonso e Mário Pablo Fuks - 2004 - “Histeria” cap. 4 A Fase Fálica” pg. 179).

O “falo” é identificado neste momento como a figura do pai da criança. O pai, interditor e castrador, que tira a criança de sua identificação com o falo, e idem à sua mãe, que antes era a lei, que exercia seu poder sobre a criança e que agora deixa de ser fálica. A criança é desalienada do desejo materno e tem a oportunidade de ser sujeito de seus próprios desejos. Importante: “Pai” este que não precisa ser o pai literal da família e sim quem ou qual sistema,

instituição fazer a função paterna. A Castração Simbólica surge junto com o Super Eu. A criança abandona sua identificação com o Eu Ideal, completo e perfeito, para se identificar com o Ideal de Eu, seu Ego da criança se unifica e ela torna-se capaz de existir como indivíduo e ter seus próprios desejos.

Conforme visão de Lacan a castração não deve ser atribuída especificamente ao pai nem ao seu significante, mas à linguagem que vai determinar limites ao gozo. A castração é mediada e transmitida pelo pai, que também é interditado.

Na intervenção do pai, momento em que é importante que a mãe demonstre seu amor ao pai, a função paterna é aquela que vai interditar a simbiose mãe-criança e ao mesmo tempo não oprime e protege, dá limites e contorno a um Eu que estava fundido na mãe.

“É bom lembrar que pai, para a psicanálise, é entendido como o terceiro elemento que irá cortar o vínculo simbiótico entre a mãe e seu bebê, tão necessário num primeiro tempo de uma estruturação psíquica, mas prejudicial se perpetuado. Pai é o representante da Lei, lei que interdita a folia inebriante da díade mãe-bebê; lei que impede que o desejo materno “devore” seu produto; da lei que cria o espaço favorável ao surgimento do enigma; lei que convoca ao desejo, à singularidade, à apropriação do campo simbólico (campo da palavra e dos significantes); lei que instaura o espaço criador, espaço facilitador das operações simbólicas, criativas; do brincar; da aprendizagem, da construção da imagem corporal, etc. Logo, a entrada do pai em cena, é determinante para que o bebê-filho possa ascender à condição de criança-filho.” (AUSÊNCIA PATERNA E O IMPACTO NA MENTE DA CRIANÇA- Maria Prisce Cleto Teles Chaves, RJ)

O pai é importante quando interdita, pois assim a lei é internalizada e dá estrutura ao indivíduo. O pai também interdita a mãe, seu objeto especial. Ela é dele, não do filho. A presença da agressividade é importante, até um certo ponto, nada além do necessário para mobilizar, daí a importância do pai que não oprime e sim, dá a estrutura. Agressividade em excesso desestrutura. Por isso a importância do limite e por consequência, do pai que os dão, e do pai que traz a lei, fundante para a constituição do sujeito.

REFLEXÕES

No documentário citado, considerando a fala queixosa da cantora sobre a ausência do pai, e a falta de iniciativa da mãe ao dar limite, quais elementos psíquicos a cantora deveria ter tido para se estruturar psiquicamente e lidar com as adversidades?

Pensando a partir de Winnicott, logo nos primeiros anos de vida, onde o “handling e holding” da mãe da cantora favoreceu para que ela obtivesse algum contorno que a ajudasse a lidar com possíveis traumas advindos desta fase? Teria sido a mãe, suficientemente boa no manejo com a Amy bebê? A própria mãe estaria em condições de cuidar da filha quando a estrutura de seu casamento já estava abalada?

Segundo depoimento no documentário, o pai tinha já outro relacionamento fora do casamento quando Amy ainda era bebê. Amy foi investida da libido materna? Sua mãe conseguia captar e suprir as suas necessidades quando bebê? A criança precisa de investimento contínuo para se sentir amada. Num momento em que a própria mãe talvez esteja em luto, que materiais psíquicos a mãe tem para ajudar no cultivo da subjetividade do seu bebê? Será que o desamparo da própria mãe “se confunde” com o desamparo da bebê Amy? Imaginando que não, que continuamente haveria uma falha na dedicação...O “embalo” possivelmente dado à Amy, talvez fosse um embalo para o conforto de ambas? Que papel a Amy bebê estaria fazendo para a mãe?

Minha hipótese é a de que a Amy teve sua primeira fase da infância em meio a um casamento problemático, uma mãe que consciente ou inconscientemente lidava com um casamento falido, numa relação em que era excluída/ excluía-se. Relação supostamente acompanhada por um luto de um relacionamento dual e incompleto.

A criança precisa de um mínimo de auto estima, confiança e segurança. Considerando que tais características devem, de início, advir da relação inicial com a mãe, aquela que embala e cuida do seu bebê suprimindo-o das necessidades básicas e de muito amor, que vazio é deixado na criança quando este relacionamento é incompleto, com falhas e abandonos? Hipotetizando que isso possa ter ocorrido na vida de Amy, como sentir-se inteira, e gostar de si mesma, para que, com sua independência - se é que a adquire - possa cuidar-se, controlar-se, saber o que esperar do outro no relacionamento amoroso e no convívio social?

CONCLUSÃO

É possível que Amy Winehouse tenha se identificado com a mãe, desejante e incompleta e sem o poder para levar adiante seus amores e projetos de forma confiante e prazerosa. Ambas talvez tenham se sentido à deriva: a mãe com as marcas da sua própria infância e Amy, com as faltas evidentes que a acompanharam até a idade adulta.

Amy busca o pai a todo o momento, reclama da ausência que teve dele, e escolhe dentre os namorados, alguém com quem teve a relação mais intensa: Blake. Como seu pai, Blake é

indisponível para uma relação completa a dois: possui namorada e não consegue deixá-la enquanto namora Amy.

Amy por sua vez diz que acompanha o namorado em tudo e nas drogas pois quando estão juntos são “um só”. É possível que a “bebê Amy” continuou buscando o prazer na paixão, no álcool e nas drogas atrás de uma completude que não teve. Então busca a fusão com outros que remetam àquela (fusão) que lhe faltou quando nasceu, e impossibilitou um caminho aberto para a sua futura subjetivação. A idealização permanece e não há uma reorganização nas expectativas. Faltou a base estruturante que teria sido resultado da interdição.

À deriva, Amy Winehouse e “as outras Amys” anseiam pelo limite...

Bibliografia:

“ AMY” o documentário (2015) de Asif Kapadia.

AMY -Biografia e cronologia: <https://www.biography.com/people/amy-winehouse-244469>

FREUD, Sigmund (1921) - “Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos”- Cia das Letras Vol. 15- A identificação

FREUD, Sigmund (1924) - “ O Eu e o Id, “ Autobiografia e outros textos” Cia das Letras Vol. 16- A Dissolução do complexo de Édipo

WINNICOTT, D.W. (1952) - Psicoses e cuidados maternos-“ Da Pediatria à Psicanálise”.

HORNSTEIN, Luis – “Narcisismo- Autoestima, identidade, alteridade”

ALONSO, Silvia Leonor e FUKS, (2004) Mário Pablo –“Histeria”

Green (O Complexo de Castração-1991)

CHAVES, Maria Prisce Cleto Teles-, Ausência Paterna e o Impacto na mente da criança-
http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/ausencia_paterna_e_o_impacto_na_mente_da_crianca.pdf

1º Semestre 2018

Ciclo III

Aluno: Umberto Conti

Título: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL: DO PAI MÍTICO DE "TOTEM E TABU", DE FREUD, À CASTRAÇÃO COMO OPERADORA DOS DESEJOS, EM LACAN

*“A castração significa que é preciso
que o gozo seja recusado, para que possa
ser atingido na escala invertida da Lei do desejo”
– Jacques Lacan*

Sinto a necessidade de manter o dispositivo utilizado no primeiro e segundo textos produzidos no Ciclo I e II, o de ter como fio condutor no desenvolvimento do trabalho semestral os temas de interesse na psicanálise e sua devida conexão com o conteúdo apresentado nas aulas de formação do CEP, em seus cursos de extensão, nos seminários clínicos e teóricos, e também a minha própria análise.

Optei seguir, nessa linha, num plano mais aberto de dialogar com o registro de algumas idéias e elaborações, desapegado da preocupação de cometer imprecisões sobre conceitos teórico-clínicos da psicanálise, o que me parece adequado à proposta do CEP e útil nesse momento de formação

Nesse contexto, tentarei articular algumas idéias contidas nos textos “Introdução ao estudo das Perversões”, de Hugo Bleichmar, cuja temática explora o Complexo de Édipo em Lacan, a partir de Freud, “Totem e Tabu” e “A Conferência nº 17: o Sentido dos Sintomas”, ambos de Freud. Como também uma aproximação com temas já explorados, e que constam nos textos “Narcisismo, uma patologia do nosso tempo”, do Ernesto Duvidovich, “Inveja e gratidão e Outros Trabalhos (1946-1963)”, de Melanie Klein, “Sobre o Narcisismo: uma Introdução (1914)”, “A teoria da Libido e o Narcisismo”, também ambos de Freud, “O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949), de Jacques Lacan, e o seminário teórico “As idéias de Lacan e suas conseqüências clínicas”, ministrado pela psicanalista Karin de Paula, notadamente o processo de “Frustração,

Privação e Castração” e os três tempos de Lacan, e algumas idéias contidas nos livros “O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e fim do indivíduo”, do filósofo Wladimir Safatle, e “O homem sem gravidade”, do psicanalista francês Charles Melman, e aos vídeos da série “Falando Nisso”, de Cristian Dunker, disponíveis no canal *Youtube*.

No primeiro trabalho, “A metáfora: um lugar na psicanálise” sublinhei a importância da palavra enquanto possibilidade de criação para o sujeito angustiado, tentando lançar o esboço inicial de um tema que me atraia, e de consequências clínicas empíricas a partir da minha análise, mas sem saber ao certo onde se poderia chegar. Dizia que, se entendíamos bem a aposta de Freud, a associação livre do paciente (dizer livremente o que lhe viesse à mente sem roteiros pré-estabelecidos) poderia resgatar derivados do que foi recalcado. E esses derivados que se apresentam em sonhos, fantasias, lapsos, atos falhos, e também em “sintomas neuróticos”, serviriam como meios de dar acesso à consciência, o que anteriormente lhe era negado. Ou seja, a experiência analítica é um caminho para se lançar hipóteses sobre as manifestações do inconsciente e, em linhas gerais, sobre a constituição da subjetividade de cada paciente. E o analista teria responsabilidade de sustentar esse dispositivo que permite puxar os “fios da meada” num processo de transferência, para que o paciente perceba os efeitos de falar, de se escutar, e, sobretudo, fazer “alguma coisa” em relação ao que transborda e vigora a partir dessa operação.

Já no segundo trabalho, com um pouco mais de acúmulo de teoria, o desenvolvimento se deu em elaborar de uma forma mais organizada a importância da linguagem, cultura e ordem social na constituição/restituição do sujeito, e no curso de uma experiência analítica. Sublinhava, naquele momento, a idéia que o “Eu” (ego) é desenvolvido. Ele não “cai do céu, do nada!”. É preciso “muito trabalho” para se constituir, e acessar às bases e às “fundações narcísicas” que estruturam o sujeito é inexoravelmente um vetor importante da clínica – ou seja, é preciso escutar os “discursos culturais” que atravessam os que falam na clínica.

Sublinhei no segundo trabalho, também, que em Lacan, no texto sobre o estágio do espelho, o autor nos provocava a pensar na constituição do Eu a partir de um evento de extrema importância para o psiquismo: a experiência do bebê reconhecendo sua imagem no espelho a partir, sobretudo, das consequências desse acontecimento. Tanto que Lacan fala em “júbilo da criança” no texto, que sugere a idéia que a imagem refletida serviria para colocar uma ordem no caos sensorial do bebê. Uma imagem tranquilizadora de uma integração que acalma, mas na verdade, ilude e aliena, seja pelo contraste entre a imagem unificada do corpo e a impotência motora, seja pela fixação do sujeito em uma miragem - o eu do desconhecimento,

do imaginário (?). Portanto, o estádio do espelho aparecia como uma matriz simbólica da constituição do Eu desenhando um primeiro esboço de subjetividade.

Também acho que a partir dessa perspectiva é preciso capitular uma diferença importante no humano, do que separa radicalmente o homem e os outros animais: a relação com os objetos! A entrada no campo da linguagem, um alguém que nasce no meio (porque era “falado” antes de nascer), e será inserido culturalmente, constituindo uma gramática particular para dialogar com o mundo, cuja determinação ao psiquismo é indispensável.

Nesse contexto, como anunciado na introdução, o objetivo desse trabalho é articular essas idéias apresentadas nos trabalhos anteriores, com “Totem Tabu de Freud” e os três tempos de Édipo em Lacan, porque me parece um conteúdo bastante estrutural e basal na teoria, na perspectiva da constituição do sujeito inscrita no campo psicanalítico e, fundamentalmente, na construção de uma escuta clínica.

Tal desafio decorre, também, da necessidade de “amarrar alguns temas” que se conectam a partir da programação do curso, mas que carecem de um diálogo mais organizado por parte do aluno.

Nesse sentido, entendi “Totem e tabu” como o fundamento da antropologia Freudiana, e a partir do texto “O retorno do totemismo na infância” sugerido na programação do Ciclo III, percebe-se um grande esforço do autor em acessar o que havia de disponível sobre sociedades primitivas para entender como o homem entra na vida social – ele escreve o texto em 1913. Em suas experiências clínicas ele se depara com certa regularidade envolvendo a hostilidade do menino ao pai, seguida de uma dificuldade de se desfazer da mãe. Freud parte de uma questão intrigante que consta em todas as civilizações estudadas, que é o horror ao incesto e o incentivo à exogamia. E tal ocorrência, ou seja, um “tabu”, deve ser vista dessa forma: como uma “interdição”, aquilo que não pode ser tocado, aquilo que não pode ser feito, aquilo que não pode ser comido, aquilo que **não** pode ser sexualizado – curioso que o não grifado pode ser eliminado, se pensarmos que a sexualidade humana decorre da necessidade de representações e substituições, e nessa perspectiva haveria o início dessas possibilidades de sexualização civilizada, uma vez superada a fase da horda primitiva. Enfim e, portanto, como importância para o enquadre desse texto, o tabu estaria nessa ordem: de instaurar uma “lei” no psiquismo.

Registro outra passagem importante, que me parece bastante útil, de inspecionar o estatuto do totemismo. Os totens, que são símbolos, animais, plantas e etc. são venerados e sacralizados, mas em datas específicas e em determinados rituais o acesso é liberado. Freud aproxima essa ambivalência (poder, não poder, amar e odiar, não poder comer e devorar, etc)

ao fenômeno clínico no ângulo de aquilo que o sujeito ama, respeita e venera, é também o que ele ataca, desobedece e odeia. Ou seja, a elaboração Freudiana em Totem e Tabu se prestaria a um mito inventado pela psicanálise para pensar nossa época, baseado em um começo onde os humanos se agrupavam em hordas para posteriormente se organizarem na ordem social. Tal mito estaria marcado por um momento radical, que é a narrativa da existência de um pai mítico, um pai da horda primeva, que em dado momento expulsa todos os homens e fica com todas as mulheres. Os filhos expulsos da tribo se reúnem e retornam à horda para matar e devorar o pai. Tal parricídio é seguido de um grande pacto primordial entre os homens que restaram para instituir um representante simbólico (totem), substituto desse “pai primevo” que fora assassinado, e a partir daí, instituir a ordem e a regra da interdição do incesto e o incentivo à exogamia. Saliento que é importante sublinhar o que está subjacente a essa operação. Com a regra instaura-se algo da ordem do “eu não posso tudo”, escolho a partir desse “menos algo” que está proibido, o que é uma forma de representar a castração. E essa limitação estabelece a família, organiza as regras sociais primárias, permite a inserção entre homens e mulheres em um sistema de circulação que leva em conta relações de parentesco, etc. No entanto, é importante dizer que não há sucesso na organização dessa nova ordem social, na medida em que os membros são tomados por um grande sentimento de culpa diante da irrupção, sob a forma de remorso, do sentimento de afeição recalcado, da ambivalência amor-ódio em relação àquele pai primitivo. Ao colocarem o ódio em prática através do assassinato do pai, o amor que estava recalcado surgiu sob a forma de remorso.

Portanto, podemos ler “Totem e Tabu” com uma história mítica que é reeditada por cada um de nós ao lidarmos com o dilema da interdição, a necessidade de elaborarmos nossa filiação e a transmissão geracional e, em termos objetivos, a forma de se inscrever na linguagem, na cultura e no ordenamento social. O mito da constituição de um sujeito humano, um sujeito necessariamente exposto ao simbólico!

Passando à Lacan e aos Três tempos de Édipo, cuja abordagem consta no texto “Introdução ao estudo das Perversões”, de Hugo Bleichmar e “As idéias de Lacan e suas consequências clínicas”, ministrado pela psicanalista Karin de Paula, notadamente o processo de “Frustração, Privação e Castração”, ambos disponíveis no CEP, começaria enfatizando o esforço do psicanalista francês para elaborar como lidamos com a falta.

Castração, frustração e privação, nesse contexto, seriam três tempos – não cronológicos e não lineares – que marcam a relação do sujeito com a falta. Lacan propõe uma coordenação organizada desse movimento, talvez pelo fato do tema estar um pouco disperso nos textos Freudianos. É uma tentativa de incrementar a constituição do sujeito, a partir da subjetividade

que é composta pelas relações com o outro. O outro, portanto, é a linguagem, aqueles que dão suporte a linguagem, utilizam a linguagem ao criar a gente, nossa família direta, mas também nossos ancestrais. Ou seja, o Outro é uma categoria que exige uma gênese - mitos familiares, heranças parentais, tradições e, sobretudo, os discursos culturais que nos atravessam. Nessa perspectiva, o complexo de Édipo é uma encruzilhada estrutural que dá alicerce a subjetividade humana. E a relação homem-objeto-homem-falta-de-objeto não aparece toda de uma vez, ela vai sendo subjetivada pelo bebê, pela criança, e nesse processo de subjetivação vai se constituindo o sujeito.

Nessa perspectiva Lacaniana do Complexo de Édipo, a relação com a falta está determinada, em um primeiro momento, com a frustração, e tem como agente operador uma mãe simbólica e um bebê diante de alguma indisponibilidade para reter sua aflição.

Os gestos desse adulto cuidador determinam o lugar desse bebê, mas também o frustram a partir de um acúmulo de experiências. A primeira experiência de satisfação é alucinada com uma ilusão de desejo, e quando esse agente se apresenta já não é a mesma coisa, sempre gerando resíduos e restos, tendo em vista a relação com outro em que tudo se depende, mas em que nem tudo se dá. Ressalto a continuidade desse estatuto da falta no psiquismo mesmo já adulto. “Então se eu não tenho, se eu não posso, e se eu não sou, a culpa é do outro”.

Em um segundo tempo do Édipo há uma mudança no estatuto da falta, da frustração para privação, porque se coloca em cena uma trama edipiana em que a criança se dá conta que há outro (um terceiro) que limita a mãe. Ou seja, o Pai na condição de pai de privador, que tem poder de privar. De “desviar o olhar” da mãe. Poderia arriscar a dizer que na frustração haveria uma falta de um objeto imaginário (algo que não se apresenta/não se disponibiliza), e na privação haveria uma falta do algo que não se sabe, um caminho de adesão a angústia, uma “deflação” do que seria o objeto perdido, na medida em que nesse tempo o encontro com a falta se dá a partir de relações com o mundo em uma dialética com o exterior. O terceiro tempo do Édipo em Lacan haveria um novo reposicionamento do pai - antes privador, onipotente, detentor do falo – pois esse passará a condição de pai da realidade, de “carne e osso”, de impotência e mortalidade. Momento em que o falo é circulante como na brincadeira do “passa anel”, não pertence a ninguém e, sobretudo, ninguém é o falo. É o estatuto da falta como operadora dos desejos humanos e a castração na função de subjetivação desses desejos que podem se deslocar para não alienar o sujeito ao objeto. Diria que é a castração no papel de organização dessas perdas (pai, mãe, objetos infantis, etc.) numa operação de encontrar novos equivalentes formais e, sobretudo, uma ordem de um Eu que se divide, mas pode ter seu

próprio desejo. Um “eu ideal” que se desloca para “um ideal de eu”, lembrando Freud. E também é uma experiência de ganho de reguladores, de ideais simbólicos que geram efeitos imaginários. A partir daí instaura-se uma lei que não é mais exterior, que vem de fora (pai, mãe, policial, chefe, governo, etc.), o sujeito interioriza a lei, que inclusive pode aparecer na figura patológica do super ego. Ou seja, o terceiro tempo de Édipo engendraria a castração como um operador das relações humanas. E, portanto, uma possibilidade de escuta clínica que reconhece que quando o desejo do sujeito se aliena, não se quer saber/admitir sobre a castração. Que é esse limite, e é essa falta que nos constitui como sujeitos capazes de desejar. Portanto creio haver uma aproximação possível entre “Totem e Tabu”, de Freud, e “Os três tempos de Édipo” em Lacan, nessa perspectiva, de um mito que reedita nossa fundação como humanos que pagam o preço de adesão à cultura, e, portanto, lidam com a lei, com a interdição e um quase insuperável sentimento de culpa fruto da ambivalência amor-ódio em relação àquele nosso pai ancestral, e a passagem do sujeito à ordem simbólica a partir de uma encruzilhada estrutural do Complexo de Édipo que, em Lacan, organiza tempos que marcam a relação do sujeito com a falta, tendo seu ápice a castração no papel de organização dos desejos humanos.

1º Semestre 2018

Ciclo IV

Aluno: Nathalia Botura de Paula Brennecke

Título: O CIÚME EM OTELO E A INVEJA NA TETRALOGIA NAPOLITANA: DOSSIÊS LITERÁRIOS DO AMOR

1. Manifestação do tema

A obra *Otelo* de William Shakespeare e a Tetralogia Napolitana de Elena Ferrante incandesceram meu Agosto frio e habitualmente soterrado em afazeres. Qualquer dia a semana escapava da mira da banalidade quando, à noite, abandonava-me a essas leituras. Uma fuga da planura do cotidiano. Uma fenda aberta para o expediente da fantasia ficcional que me fazia voltar a minha própria ficção, só que com mais potência e substância.⁷

Já havia lido *Otelo* na faculdade, mas, dessa vez, reli-o com a intenção de capturar em mim aquilo que a pujança da linguagem shakespeariana surge em seus leitores. Além disso, como diz Ítalo Calvino, um clássico é sempre inesgotável e atemporal, é “um livro que nunca acaba de dizer aquilo que tem a dizer”. Li *Otelo* com um grupo de leitura terapêutica, cuja proposta central é interpretar obras clássicas a partir de nossas vivências, angústias e prazeres⁸.

⁷ A Série Napolitana é formada pelos seguintes livros: 1. *A amiga genial*, 2. *História do novo sobrenome*, 3. *História de quem foge e de quem fica* e 4. *História da menina perdida*. É a história de um encontro entre duas crianças de um bairro popular nos arredores de Nápoles. Elena (Lenu) conhece a sua amiga Rafaella Cerullo (Lila) no primeiro ano. Ambas provêm de famílias humildes. O pai de Elena trabalha como porteiro na câmara municipal, o de Lila é sapateiro. Lila é bravia, sagaz, corajosa nas palavras e nas ações. Tem resposta pronta para tudo e age com uma determinação que a pacata e estudiosa Elena admira. Quando a desajeitada Lila se transforma numa adolescente que fascina os rapazes do bairro, Elena continua a procurar nela a sua inspiração. O percurso de ambas separa-se quando, ao contrário de Lila, Elena continua os estudos liceais e Lila tem de lutar por si e pela sua família no bairro de Nápoles onde vive. Mas a amizade prossegue. A Amiga Genial tem o andamento de uma grande narrativa popular, densa, veloz e desconcertante, mostrando os conflitos familiares, intelectuais e amorosos numa sucessão de episódios que os leitores desejariam que nunca acabasse.

⁸ O Laboratório de Leitura da *Casa Arca* constitui-se numa atividade formativa humanística fundamentada na leitura e discussão de clássicos da literatura universal. Partindo do entendimento da humanização, como um processo que deve envolver a pessoa em sua integralidade, busca a ampliação da esfera do ser através da experiência estética propiciada pela fruição da obra literária que desencadeia uma rica e potente dinâmica de reflexão.

Parece que o exercício psicanalítico-literário a que me condicionei logrou bons frutos. Evidentemente, houve abalos interiores, pois reconheci em mim familiaridades latentes na estrutura psíquica das personagens e das tramas. Vi-me em Desdêmona – esposa de Otelo-, a mulher que banca seus desejos à contramão do *status quo* da sociedade veneziana, vi-me em Emília – esposa de Iago - em cujo discurso nota-se uma genealogia do feminismo contemporâneo, contudo sem excessos de onipotência; vi-me em Otelo, o mouro intenso e bélico, igualmente fragilizado diante da possibilidade de ter sido trocado. Vi-me até em Iago – a mais sinistra das personagens shakespearianas. Sim, pois sempre haverá em nós um Iago peçonhento e nocivo, uma instância nefasta de terror, medo e desespero que nos faz recuar diante da vida. Tal é nossa ferida narcísica primordial, o abandono: a dor em estado puro.

O ciúme é a linha de força em *Otelo* e correlato a ele, nascido da mesma matéria- prima psíquica, há a inveja⁹ – um dos temas candentes na Tetralogia Napolitana.

Ciúme e inveja nascem do mesmo lugar da perda. No ciúme o padrão é a posse, já na inveja, o padrão é a não posse. Freud já afirmava que tais afetos se compõem essencialmente no “leito”, pela dor causada pelo objeto que pensamos ter perdido, e pela humilhação narcísica.

Como disse, no mesmo Agosto gélido li as mais de 2.650 páginas que compõem a obra inteira de Ferrante, totalizando nove livros. Tal como em *Otelo*, o amor na Série Napolitana também é o motor. Um amor que arrasta tudo consigo, dos sentimentos elevados até os mais ignóbeis; do afeto mais delicado até a desordem, a incoerência, a subordinação.

O realismo potente contido na escrita de Ferrante causou-me curto-circuito, uma espécie de golpe desestabilizador que ativa a inteligência e a coragem para olhar a vida e as relações de modo menos alienado. A química entre suas palavras e os conteúdos ambivalentes de suas histórias, penso eu, garantiram seu monstruoso sucesso editorial.

“A amizade entre mulheres é, para nós mesmas, terra incógnita, um campo sem regras fixas”, diz ela. Sua escrita, considerada feminista por protagonizar mulheres fálicas - que perscrutam espaços de gozo no trabalho, na política, na filosofia e no sexo-, ganhou respeito tanto no universo *pop*, como no *cult*. Entre as mulheres de Ferrante todos os temas ventitam: a condição feminina, a posição do partido comunista na Itália, o melhor modo de educar os filhos, a violência napolitana, os vícios corrosivos e as novas tecnologias que acenavam em meados do século XX. Ferrante não compra o clichê popular de mulheres que se emulam desesperadamente em torno de um macho. No centro de tudo está o pensar.

⁹ A palavra *jealousy* em inglês pode significar 1 ciúme. 2 desconfiança, suspeita. 3 aflição, preocupação. 4 inveja. 5 zelo. Etimologicamente, do inglês médio *jelous*, *gelous*, *gelus*, do francês antigo *jalous*. Mesma origem da palavra zelo, em português.

Há quem diga que ela inaugurou uma forma pouco convencional de autobiografia. Fato é que o mistério acerca da figura da escritora, que nunca deu sequer uma entrevista e atende pelo pseudônimo Elena Ferrante, equivale ao instigante enigma que existe em torno na série napolitana: viciante, violenta, honesta e bela.

Elena Grecco (Lenu) e Rafaela Cerullo (Lila) - as duas personagens centrais da trama - se amam, se inspiram e rivalizam com a mesma pulsionalidade. Esse amálgama vacilante já fora interpretado por alguns críticos como símbolo de polaridades que existem em todos nós de modo condensado. Como se houvesse em nós um duelo entre Natureza (Lila) e Cultura (Lenu). Como se elas compusessem um mesmo organismo psíquico.

A própria autora escreve: “cada indivíduo é um campo de batalha!”.

De fato! Novamente me reconheci nas personagens. Vi-me em Elena Grecco – ligada devotamente ao conhecimento e a literatura como entidades reverenciáveis. Vi-me em Rafaela Cerullo – anárquica, livre e incontinente. Tudo isso, tendo Nápoles como cenário: cidade da beleza e do terror, onde os bons modos não se sustentam por muito tempo e logo abrem caminho para que a violência mostre seu timbre ruidoso. Em Ferrante nada é por acaso, muito menos as dezenas de citações à Psicanálise que ela vocaliza por meio de suas personagens.

A eleição do tema desse trabalho é fruto de um arremesso íntimo e premeditado dentro desses temas. Quis deliberadamente- no intervalo desse exercício - embrenhar-me em temas áridos, pouco adocicados. Por acaso – ou não - caíram-me nas mãos duas oportunidades literárias para pensar tais sentimentos inconfessáveis, dos quais mal, pouco ou nada se fala. Ou de que se fala sem coragem. Os assim chamados pecados envergonhados, recalcados no fundo do oceano inconsciente.

Há muita proximidade entre ciúme e inveja no sentido de que ambos tem a ver com a perda de um objeto perdido de amor. Objeto este aparentemente perdido fora, mas em essência, perdido dentro. Para Lacan, trata-se de um objeto perdido constitutivo do corpo que fora exilado.

Dominique Fingermann¹⁰ defende que há valor estrutural no ciúme e na inveja. Assim, não é viável que nós os restrinjamos a um epifenômeno ou algo a ser evitável a qualquer custo. Esse afetos “normais”, como diz Freud, traduzem uma falta essencial associando-se a disfarces fantasmagóricos de um objeto estrutural que, por definição, é inapreensível. Portanto, a ideia não é valorá-los negativamente, pelo contrário, é elaborar suas potencialidades teóricas e clínicas.

¹⁰ Em palestra intitulada “Ciúme, deriva do amor verdadeiro”, realizada no Centro de Estudos Psicanalíticos no dia 25 de Agosto de 2017. Agosto foi um mês intenso!

Nesse sentido, propus-me a abordar esses estados afetivos evitando as desqualificações aligeiradas e colocando em relevo a força dessas experiências universais via Literatura, Psicanálise e confissão.

2. Otelo: o ciúme como alteridade exilada de si mesmo

*“Acautelai-vos senhor, do ciúme;
é um monstro de olhos verdes,
que zomba do alimento de que vive.”*

Os 3.685 versos de *Otelo* - 80% verso e 20 % prosa- sintetizam questões essenciais da era elisabetana. Shakespeare consegue pintar o indivíduo em transição entre a atmosfera medieval e a atmosfera moderna. A felicidade medieval consistia em realizar o DEVER e, a partir disso, obter honra social e salvação divina. Em contrapartida, a felicidade moderna abriu as portas para a realização do QUERER individual e a obtenção do gozo do desejo explorado, da satisfação do prazer e de suas intensidades.

Shakespeare traduz tais ambivalências humanas, compondo indivíduos cindidos e que, eventualmente, culminam em loucura, melancolia e suicídio face à dicotomia prazer e dever. As tragédias shakespearianas são dispositivos complexos e exatamente por isso não apenas deflagram as paixões humanas, seus vícios e virtudes, como também tratam dos vínculos entre personagens vivas, que passam longe de serem heróis e heroínas sublimes. Pelo contrário: são, como nós, medíocres e falhos.

Otelo, o mouro de Veneza, é uma obra de muitos estratos, trabalha de forma visceral o íntimo dos indivíduos. Apesar de ser uma obra famosa universalmente apenas pelo tema do ciúme, o mote também versa sobre a inveja, denunciada no personagem de Iago em relação a Otelo.

Antes, vale saber o porquê Otelo é invejável aos olhos de Iago (o alferes). Devemos nos lembrar de que o Mouro é o estrangeiro que dribla a *fortú* (destino) com sua *virtú* (virtude) e que consegue o respeito da sociedade veneziana pelo fausto conquistado e o amor leal da bela Desdêmona. Desdêmona é a face do amor, figura da completude que dava lugar a alteridade do Mouro.

Para Iago, conviver com alguém tão virtuoso e amado como Otelo é da ordem do intolerável. Dessa forma, Iago traça diabolicamente sua destruição através daquilo que Otelo mais ama: Desdêmona. Por meio de piruetas desnorteadoras no jogo de palavras e de perversa

engenhosidade, o plano de lago foi fazer com que Otelo, se corroesse de ciúme acreditando que Desdêmona o havia traído.

A mente e o coração do Mouro de Veneza eram terra cultivada e pronta para a sementeira cruel de lago. Este sofre por viver diante de alguém notoriamente prestigiado que considera ser muito melhor do que si. Aquele, por sua vez, sofre por saber que seu ciúme o fará aniquilar suas virtudes, e sua mais preciosa conquista: o amor. Bastam poucas suspeitas para que a determinação amorosa vasculhe seu oposto: o ódio. A dúvida mina a fabulosa certeza da estabilidade incorruptível do amor e reduz Otelo a um corpo abandonado em cólera.

Sabe-se que a inveja é um sentimento de caráter dual, dá-se na relação entre dois indivíduos, uma vez que o outro sempre terá algo que o indivíduo não tem.

O ciúme, por seu turno, é um sentimento que se dá numa relação triangular – edípica, há um terceiro envolvido. Para que o ciúme seja delirante no estilo de Otelo, é preciso ter base em um núcleo narcísico que não suporta a ideia de não ser o centro.¹¹

Considerando a prosa nacional, na obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis – chamada de Otelo Brasileiro por Helen Caldwell (2002) - o ciúme de Bentinho é engendrado por dúvidas e ficções que adquirem o estatuto de realidade. Não raro, o pseudojulgamento do raciocínio jurídico do ciumento o coloca diante de um silogismo sem escapatória, pois o veredicto é o que menos importa. O que conta, de fato, é o processo inquisidor e seus rodeios investigatórios. Não há repouso para uma mente oteliana: os objetos de sua paranoia se levantam como fantasmas que não lhe dão trégua e perseguem até no sonho. (Cf. Dunker, 1996)

Freud, em 1922, atesta que o ciúme é um estado afetivo normal. Para ele, o amor sem ciúme seria sinal da força do recalque, observado na política familiar e social. Estudamos, no ciclo quatro de nosso curso, o texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo* (1988, vol. 18, p. 142) no qual Freud menciona exatamente as três camadas visíveis nas quais o ciúme se revela:

1. Competitivo ou normal: derivado da tristeza, da dor de saber ou de crer que o objeto de amor está perdido, da ofensa narcísica e dos sentimentos hostis em relação ao rival. Este tipo de ciúme é considerado como racional, dominado pelo eu consciente, embora demonstre ter também

¹¹ Chegou-se a criar uma síndrome específica: *Síndrome de Otelo*, com a finalidade de caracterizar ciúme patológico e delirante. As ideias prevalentes ou sobre valoradas (Dalgalarondo, 2008) são obsessivas e aceitas pelo sujeito, já que fazem sentido para ele. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR, 2002), o *Transtorno Delirante Paranoico* do tipo ciumento é o delírio centrado na convicção radical, sem motivo justo ou evidente, de que está sendo traído pelo cônjuge ou parceiro romântico.

raízes profundas no inconsciente. (Cf. Lachaud, 2001). Conforme Freud, o ciumento busca a confissão “cabelos, marcas, cheiros, barulho, são testemunhas mudas, logo irrefutáveis”.

2. Projetado: um espelho das próprias traições conscientes ou não do sujeito ciumento, de modo que o desejo de trair é projetado no outro.

3. Delirante: nesse caso, os objetos de fantasia são homossexuais, uma das formas clássicas da paranóia. Nessa camada, o desejo de infidelidade está voltado para um parceiro do mesmo sexo do sujeito que sente o ciúme. Como tentativa de defesa desse impulso homossexual, no homem, equivaleria a afirmação “Eu não o amo, é ela que o ama!”.

Para Dunker (1996, p.36), “Freud, ao isolar o complexo de Édipo como encruzilhada fundamental do psiquismo não estava às voltas com outra coisa: o ciúme é um sentimento demasiadamente humano, traduz a tragédia da inclusão e da exclusão”. De fato, o Édipo é uma armadura significante que possibilita a entrada do sujeito no mundo simbólico.

Sabe-se que no complexo de Édipo, a circulação do significante só é possível se houver três, isto é, se houver uma estrutura ternária. Não havendo três, a circulação está interdita, gerando absoluta imobilidade do sujeito do desejo. Quando há acidentes fatais nessa constituição, a estrutura imaginária dissolve-se definitivamente, provocando desestruturação no pensamento e na linguagem, paradigmática das psicoses¹²

Dizia Lacan que amar é dar o que não se tem, isto é, amar é dar a falta. Ao ciumento, o procedimento resulta inverso: reter, conter, não perder de modo algum o outro, como forma de não perder a si.

Se os ciumentos extrapolam imprudentemente na luta pela conservação, vale seguir o sábio conselho que o próprio Otelo nos deu, antes de se matar.

Atendendo a seu pedido, reproduzo suas recomendações endereçadas à posteridade: “Por gentileza, suplico aos senhores que, em suas cartas, quando relatarem esses meus atos infelizes, falem de mim como sou. Depois, devem mencionar que este amou demais, com sabedoria de menos [...]”

¹² Do conceito de *Verwerfung* freudiano, Lacan imprimiu o seu sentido: forclusão que, dentro da teoria lacaniana é o conceito operatório da psicose.

3. Tetralogia Napolitana: a inveja como denúncia do desejo

Decidi que deveria regular-me de acordo com aquela menina e nunca perdê-la de vista, ainda que ela se aborrecesse e me escorraçasse. É provável que essa tenha sido minha maneira de reagir à inveja, ao ódio, e de sufocá-los.

Ou talvez tenha disfarçado assim o sentimento de subalternidade, o fascínio que experimentava.
(A Amiga Genial. p.23)

A história das duas amigas Elena Grecco e Rafela Cerullo contada na Tetralogia Napolitana é marcada pela linha tênue entre devoção e aniquilação, amor e ódio, inveja e admiração. Uma não é sem a outra. São fraternas, solidárias entre si, mas também podem invejar o que pertence à outra sem freios. Sobretudo, no que diz respeito ao conhecimento, à ciência, à filosofia, à estética, à política e ao exercício da linguagem.

A narrativa de Ferrante é psicanalítica na medida em que carrega sinceridade crua e auto implicação. Não há tentativa de domesticar a verdade ou de se trair via clichês. A narrativa não nega; pelo contrário, confessa os afetos mais desprezíveis das personagens pela via do narrador personagem de Lenu. Nota-se, então, a rivalidade como um motor de arranque para o desenvolvimento intelectual.

Selecionei passagens emblemáticas encontradas no primeiro livro da tetralogia, que se passa ainda na infância das duas meninas em Nápoles. Se uma delas, por ventura, conhecesse mais declinações de latim ou grego ou mesmo a sintaxe da língua inglesa, a outra se punha a estudar para não ficar atrás. A rivalidade é o que dava a elas o sentido do desejo, e da própria vida:

Logo ficou claro, para minha grande surpresa, que ela já sabia muito de latim. As declinações, por exemplo, conhecia-as todas, e os verbos também. Perguntei-lhe discretamente como conseguira aquilo, e ela, com seu jeito arrogante de mocinha que não quer perder tempo, admitiu que desde quando eu começara a escola média ela pegava uma gramática emprestada da biblioteca circulante, e estudava por curiosidade.

As aulas recomeçaram, e logo me saí muito bem em todas as disciplinas. Não via a hora de Lila me pedir que a ajudasse em latim ou noutra matéria, acho até que eu estudava não tanto para a escola, mas para ela. Me tornei a primeira da classe, nem na escola fundamental eu tinha ido tão bem.

Ela soubera que eu estava estudando inglês e naturalmente providenciara uma gramática da língua. Já conhecia incontáveis vocábulos que pronunciava de maneira muito aproximada e, naturalmente, minha pronúncia não ficava atrás.

Em certas manhãs frias, quando me levantava ao alvorecer e repassava as lições na cozinha, tinha a impressão de que, como sempre, eu estava sacrificando o sono quente e profundo da manhã para fazer bonito diante de (Lila), a filha do sapateiro, e não dos professores da escola dos ricos.

Percebi que ela parecia estar à frente de mim em tudo, como se frequentasse uma escola secreta. Notei nela até uma certa tensão, a vontade de me mostrar que estava à altura do que eu estudava.

Muito além de uma inveja e competição, Lila e Lenu têm apenas uma a outra na vida. O jogo de disputa as impulsiona para superar tanto as mesquinharias do bairro quanto o medo de se tornarem estáticas.

Pode-se pensar: é sempre em silêncio que se morre de inveja, dissimulando não sentir nada, e se escondendo atrás da detração. A inveja ainda é, aos olhos de muitos, crime inconfessável. Raríssimo é ouvir na clínica um enunciado direto e sem torneios na forma de “eu invejo”, pois o invejoso teme erroneamente reduzir-se a uma confissão de “fraqueza”¹³. Mas, “o silêncio do invejoso está cheio de ruído”, afirma o poeta libanês Khalil Gibran.

¹³ Na dinâmica cotidiana e também na clínica, é comum ouvir sujeitos negarem contundentemente esses afetos, reproduzindo enunciados bastante conhecidos e popularizados, como: “não tenho ciúme, confio no meu taco” ou

O invejoso jamais consegue se esquecer: esquecer-se da visão de seu suposto lugar tomado por outro. Ele persegue eternamente um seio repleto de leite só para si.

A cena que contém o simbólico constituinte dessa experiência de desamparo diante da privação do objeto constituinte está nas *Confissões* de Santo Agostinho:

“Vi e observei uma criança, cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava pálida, de rosto colérico, para o irmãozinho de leite” (AGOSTINHO, 2013, p.34).

O olhar quase psicanalítico de Santo Agostinho nesta cena detecta uma interessante vicissitude do amor traduzida no olhar abismático diante da “entronamento” do “irmãozinho”. A inveja nasce sempre entre os iguais, os horizontais, os próximos, entre aqueles que nos dão notícias de uma familiaridade. Lacan chamou esse expediente de Complexo de Intrusão – um corpo perdido no corpo do outro. É como a criança narrada por Agostinho guardasse mágoa por ter sido preterida pela mãe, que dava atenção à irmã ou irmão mais novo.¹⁴

Em *Uma criança é espancada* (1919), Freud dá pistas interessantes contidas na dinâmica de inveja entre os iguais – irmãos e irmãs -, apontando para as ambivalências na função fraterna:

O amor dos pais tem que ser compartilhado com as crianças que, ademais, por essa razão, são repelidas com toda energia selvagem característica da vida emocional dessa idade. Se a criança em questão é uma irmã ou um irmão mais novo, será desprezada e odiada e, ainda assim, atrairá para si afeição que os pais cegos estão sempre dispostos a dar ao caçula; e isto é um espetáculo cuja visão não pode ser evitada [...] muitas crianças que se acreditavam seguramente entronadas na inabalável afeição dos pais foram, de um só golpe, derrubadas de todos os céus da sua onipotência imaginária. (FREUD, Volume XVII, p. 234)

Vemos que, embora pouco estudado, o complexo fraternal psicanalítico básico dá conta de explicar as relações nas quais os rivais disputam - pela via dos afetos, desejos e comportamentos ciumentos e invejosos-, a detenção de uma figura de posse. As experiências precoces de inveja fraternal podem culminar em comportamentos agonísticos futuros do seu protagonista.

“não invejo fulano, sou mais eu”. No texto *A Negativa* (1925), Freud diz que na negação mora um desejo. “O conteúdo de uma imagem ou ideia reprimida pode abrir caminho até a consciência, com a condição de que seja negado. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido” (p.295-6).

¹⁴ Conforme ELYSEU JUNIOR (2013), Klein afirma que a inveja primária, mais antiga que o ciúme, é uma *phantasia* sádica de impulsos orais e anais dirigidos a um objeto parcial – o seio – que fica despojado do que possui de bom, recebendo toda a maldade. Entende ela que isso se deve ao ego, que a serviço da pulsão de vida desvia a pulsão de morte para o seio externo para livrar-se dessa ameaça interna. Nota-se que Klein lê a inveja pela chave negativa.

Mas, a inveja, se cuidada e analisada pode tornar-se engenho enriquecedor (inclusive, restituindo relações fraternais afrouxadas).

Pois a inveja superada chama-se desejo. E o desejo tem algo em comum com a inveja exatamente por envolver um olhar para o outro e também para si, por envolver um querer dele advindo.

Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis sinaliza a polaridade positiva da inveja e confessa sua defesa pelo que ele chamou de **“admiração que luta”**:

“Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são adequados à sua felicidade.”

Post scriptum

Medéia, Otelo, Dom Casmurro, A amiga Genial. Obras literárias, nossas próprias vidas e a clínica psicanalítica estão abarrotadas desses afetos, o que evidencia sua universalidade e perpetuação na história dos sentimentos humanos. Falar das paixões é sempre confessar a demasiada humanidade.

No curso de formação psicanalítica, ressalta-se muito o fato de que um psicanalista deve, por ofício, fazer sempre o exercício de se haver com os temas mais cabulosos, sobretudo em si mesmo. Talvez seja isso o que Freud revelou ao dizer que epistemologia psicanalítica devesse se distinguir das demais, já que só é possível aprender psicanálise em si mesmo.

Olhando retroativamente percebo que o entusiasmo febril e despretensioso das leituras que fiz durante o mês de Agosto foi acolhido e explorado na minha própria análise. Levei os temas caros existentes em Shakespeare e Ferrante (às vezes, lia os trechos nas sessões). Confesso que tenho a sorte de contar com um analista (leitor voraz e escritor) que ama a literatura como uma espécie de critério moral e vive seu mundo interior e exterior a partir dela. Ele mesmo diz que sua formação literária aconteceu muito antes da formação psicanalítica e afirma que Freud sem a tragédia grega e sem Shakespeare, francamente, não seria Freud. Seu consultório é inundado de livros. Para todos os lugares que olho, um livro entrará no meu campo de visão, fato que me conforta, inspira e estimula. Emergir psiquicamente num ambiente de livros me faz recordar que estou ali para narrar a minha história (minha ficção) do modo mais corajoso e profundo possível. Por conta dessa relação transferencial, foi possível extrair muito material dessas experiências literárias e, por efeito analítico, mudanças despontaram na concretude incessante da minha vida.

Dominique Fingermann defende o mesmo: é preciso tratar com respeito esses afetos na clínica psicanalítica, moderando as desqualificações generealizadas sobre o ciúme e a inveja.

Segundo ela, é recomendável reabrir o dossiê do amor. O amor, por essência, é enganador, ama-se o outro projetando o que se tem de mais precioso. Amar é a busca de si no outro. Como deriva extrema do amor, no ciúme sempre persistirá uma raiz infantil. Na inveja também. Por isso, não devemos ignorá-los. Eles dão notícias de uma falta fundamental e da ausência de defesa contra esta falta, da castração olhada nos olhos.

Tais afetos quando inflamados traduzem a assunção da castração que, com mediação analítica, podem permitir outra expressão desse lugar. Em outras palavras, ciúme e inveja podem denunciar o lugar onde o desejo está radicado.

Dar um valor existencial a esses afetos parece ser uma boa saída clínica. Quando não patológicos, eles são expressão humana de uma estranheza de si, de uma **alteridade radical**. Ali encontra-se o exílio de si no outro.

É compreensível que a covardia moral às vezes nos faça negar tais afetos que, com frequência, passam por simples fraqueza ou insegurança. Mas a suspensão de defesas contra essa falta pode instigar em nós um fértil alcance criador- imaginário e simbólico- e, quem sabe, promover uma pujante intimidade com a vida.

Referências

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. Obras Completas de Machado de Assis. São Paulo: Globo, 1997.
- CALDWELL, H. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Ateliê Editorial. 2002
- CALLIGARIS C. *Ciúme*. Folha de S.Paulo- 04/09/2008 . Acesso 15.10.2017, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0409200828.htm>
- DUNKER, C. I. L. - *Consumidos pelo Ciúmes*. Viver Psicologia. São Paulo, v.36, 1996.
- ELYSEU JUNIOR, S. *Complexo fraternal: a fonte do ciúme e da inveja*. Psicol. teor. prat., São Paulo , v. 5, n. 2, p. 55-66, dez. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872003000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 out. 2017.
- FREUD, S. Edição Standar Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. Edição Standar Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- LACHAUD, D. (2001). *Ciúmes*. Rio de Janeir: Companhia de Freud, 2001.
- SHAKESPEARE.W. *Otello*. Penguin. São Paulo.2017
- Síndrome de Otelo. Acesso 15.10.2017, disponível https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=S%C3%ADndrome_de_Otelo

Obras de Elena Ferrante:

Um amor incômodo - no original L'amore molesto, 1992

Os dias do abandono - no original I giorni dell'abbandono, 2002

A Filha Perdida - no original La figlia oscura, 2006

Tetralogia "Série Napolitana":

A amiga genial - no original L'amica geniale, 2011

História do novo sobrenome - no original Storia del nuovo cognome, 2012

História de quem foge e de quem fica - no original Storia di chi fugge e di chi resta, 2013

História da Menina Perdida - no original Storia della bambina perduta, 2014

Infantil:

Uma Noite na Praia - no original La spiaggia di notte , 2007

Não-ficção:

Frantumaglia, 2003

A inveja e o ciúme nas artes plásticas



Ciúme e flerte (Haynes King) - Jealousy and Flirtation 1873.



Jealousy, 1895 by Edvard Munch



A inveja (Envy) conforme Sebastián de Covarrubias, gravura século 16



"Othello e Desdêmona em Veneza" por Théodore Chassériau (1819–1856)

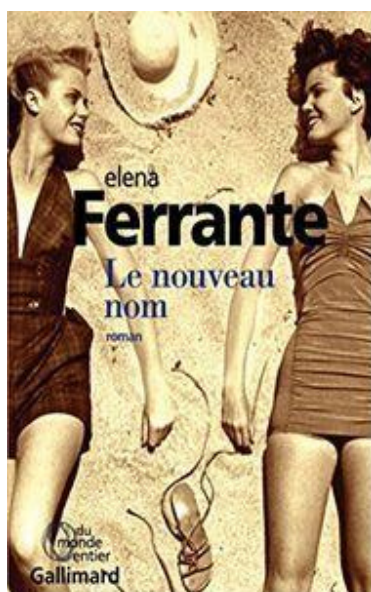


Johann Heinrich Füssli - Ungedeutete Szene (Eifersucht)

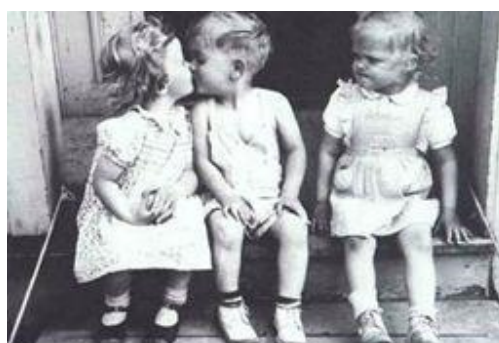


Annette Messenger, 'Jalousie/Love', Ciúme-Amor, 2010

Capas das obras de Elena Ferrante - edições francesas



Triângulos capturados em fotos



1º Semestre 2018

Ciclo V

Aluno: Lucas Carvalho Liedke

Título: MAIS UM TEXTÃO SOBRE EMPATIA

I.

EMPATIA É TENDÊNCIA

O conceito de empatia caiu nas graças da cultura popular. As buscas pelo termo, em ferramentas como o Google⁽¹⁾, aumentaram em mais de 50% na última década. Palestras, publicações e textões de Facebook adaptam a empatia para temas como cidadania, auto-ajuda, marketing e RH. Surgem os consultores em empatia. Sim, isso existe. O fenômeno pode ser lido como uma reação à necessidade emergente da sociedade em escutar mais e melhor e, de algum jeito, reconquistar uma sensibilidade perdida na relação com o outro.

A cultura das grandes metrópoles é amplamente conhecida por des-pessoalizar o convívio e a intimidade. O anonimato e o encapsulamento da mobilidade digital há muito tempo empobrecem determinados aspectos da interação social. Como sempre acontece na história da humanidade, as novas tecnologias vem para que se ganhe de um lado e se perca do outro. O cenário atual é complexo, turbulento e exige nossa atenção enquanto cidadão, enquanto psicanalista e enquanto sujeito.

Atravessada pela lógica de mercado, a empatia se tornou também um sinônimo de “ouvir as pessoas no seu papel de consumidor”, alocando-as no centro das atenções das instituições. Faz 10 anos que a revista Time elegeu “Você” como a personalidade do ano, apresentando-a para o mundo, em sua capa, por meio de uma imagem asséptica de um computador com a palavra “You” escrita no centro da tela. Muito se argumenta sobre uma suposta conquista de protagonismo das pessoas em uma dialética de mercado que supostamente existe entre pessoas e marcas – o que por si só já é inusitado, considerando que pessoas e marcas são, a

princípio, entidades de natureza muito diferentes. Não é raro encontrar figurões da indústria como Jeff Bezos, CEO da Amazon, proclamar que: “Temos uma obsessão pelo nosso consumidor. O nosso ponto de partida é sempre a sua necessidade. Depois, trabalhamos de trás para frente para atendê-lo.”

Em meio a toda euforia supostamente altruísta – no sentido de colocar o outro como prioridade, foco de cuidado e atenção, o psicanalista Christian Dunker assinala um outro lado da questão:

Freud caminha ao lado de Adam Smith, ao reconhecer no altruísmo uma reversão e um retorno disfarçado do egoísmo, mas também de Marcel Mauss, que entendia os processos sociais com base nas inexoráveis leis da troca, retribuição e doação. Ou seja, nada de sentimento genuíno e desinteressado de auxílio e colaboração, mas amor de si disfarçado em ajuda e devoção ao outro.⁽²⁾

Nos últimos meses, me deparei com uma série de artigos de renomados profissionais da comunicação, cujo argumento central é o poder da empatia como a grande tendência e oportunidade de evolução do mercado. Diversidade e inclusão das diferenças sociais aparecem, por exemplo, em iniciativas de marcas de cosméticos, que, para o infortúnio da família tradicional brasileira, abrem espaço para drag queens nos seus comerciais, ou marcas de cerveja que tentam limpar o seu *bad karma* apoiando movimentos feministas (ou, em outras leituras, apropriando-se destes).

Tal qual na psicanálise, cada caso é um caso. Mas de forma geral, no mundo ‘desencantado’ do marketing, por muito tempo, marcas e empresas usaram o microfone para falar basicamente de si. Por pressão ou esperteza, viraram o espelho e começaram a falar em nome do outro—daquele que casualmente necessita de mais luz no palco, que carece de voz e representatividade, apesar de toda a sua potência. Mas acolhimento e empoderamento (outro conceito polêmico da década) também podem reforçar o senso de superioridade de quem acolhe e empodera. Querendo ou não, é quando se estabelece uma confirmação fálica de quem tem e quem não tem. É a igreja que recebe de portas abertas e cobra com fé e devoção, sem falar do dízimo.

Por oportunismo ou correção de rota, a empatia é enaltecida na lógica neoliberal como a principal responsabilidade no futuro das empresas, da comunicação, do branding, do propósito

corporativo, das causas ativistas, do valor compartilhado... Aquele salve-se-quem-puder! Nada mais justo. De um jeito ou de outro, parece que estamos todos tentando dissipar uma sombra de mau-tempo que, há alguns anos, paira sobre nossas cabeças. A empatia traz um alento. Uma lembrança de que somos humanos e não máquinas, e de que apesar de todas as crises nos sistemas político, econômico, social e religioso, nos preocupamos uns com os outros.

É um alívio. Mas é real?

O que me chama a atenção é como a empatia se consolidou como uma espécie de novo mito da atualidade. Pessoalmente, é claro que me posiciono a favor desse ideal tão civilizatório e necessário. Mas acredito que seja apenas um ideal. Humanitário? Sim. Mas um ideal também é inatingível e perigoso se for tido como realidade. O conceito de empatia enquanto emoção, define-se, entre muitos sentidos, na capacidade de “sentir o que o outro sente”. Isso é possível?

Seja no marketing, na psicanálise ou no trato interpessoal, “sentir o que o outro sente” é uma forma, intencional ou não, de calar o sujeito que sente. Podemos escutar, imaginar, investir no apoio, na solidariedade, fazer o corre, oferecer consolo. Esforçar-se para estar sensível e aberto. Mas ainda assim, também nos enganamos achando que, no fim do dia, conseguimos nos colocar no lugar do outro. Não vivemos como o outro vive, não importa quantos aparelhos de VR a gente use.

Em um momento onde todo mundo começou a acreditar que está agindo em defesa do outro, voltar a olhar para o próprio umbigo (e falar do próprio umbigo) talvez seja uma postura arriscada, mas pelo menos mais honesta. Inúmeras instituições passariam menos vergonha se agissem mais como plataformas e menos como protagonistas de lutas que nem são suas.

Uma das grandes questões em se fazer uso da empatia como uma postura ou um discurso, é que não há muito que realmente possa ser dito sem roubar o lugar de fala que não é o seu. O clássico TED Talk da professora de pesquisa Brené Brown⁽³⁾ conclui que o melhor que o sujeito empático pode dizer ao outro é algo como: “Estou ouvindo você. Sinto muito. Você não está sozinho.” São frases que parecem pouco, mas talvez representem um limite a ser respeitado. Suportar a dor alheia sem deslegitimar ou tentar anestesiá-la esse sentimento – já é bastante coisa.

II. UM POUCO SOBRE AMOR E CONTRATRANSFERÊNCIA

Como será que o espírito do tempo de 2018 vai influenciar a visão de psicanalistas a respeito da empatia na prática clínica?

Neutralidade, abstinência e não-julgamento são conceitos que se misturam com suas nuances e subjetividades no discurso e na prática da maioria dos psicanalistas. No contexto atual, em um mundo onde cultivar e explicitar o seu poder de empatia parece ter se tornado praticamente um dever, estaria ficando fora de moda o estereótipo da suposta frieza da escola francesa?

A empatia, assim como suas irmãs apatia, simpatia e antipatia, são fenômenos com os quais invariavelmente nos deparamos na clínica. A possibilidade de se solidarizar com o sofrimento do outro é um recurso para melhor compreender as origens da sua dor? Do seu desejo? Trata-se de um sentimento inevitável ou evitável, por parte do analista? Um ponto cego? Uma ilusão neurótica? Um instrumento que pode ser bem ou também mal utilizado?

Sem resposta definitiva para tais inquietações, e indo ainda mais além do conceito de empatia, a discussão exige uma breve reflexão sobre a noção de amor na prática clínica. Já escutei alguns profissionais da área argumentando que devemos amar os nossos pacientes, enquanto outros afirmam que se estamos amando os nossos pacientes, algo está tragicamente errado. Gostaria de ver esses psicanalistas discutindo sobre suas concepções de amor. Pessoalmente, não tenho uma convicção a respeito desses argumentos, apenas a certeza de que o tema é delicado, pois tanto empatia como amor se tratam mais de emoções subjetivas do que de conceitos propriamente técnicos.

Freud aborda o tema do amor transferencial com coragem e parcimônia, antes de seus dissidentes sublinharem um ou outro dos seus pontos de vista e construírem as suas próprias teorias e interpretações a respeito da prática clínica:

A gratificação dos anseios amorosos da paciente é tão funesta para a análise quanto a supressão dos mesmos. (...) É preciso cuidar para não nos afastarmos da transferência amorosa, não afugentá-la ou estragá-la para a paciente; e também abstermo-nos, de modo igualmente firme, de corresponder a ela. Conservamos a transferência amorosa,

mas a tratamos como algo irreal, como uma situação atravessada na terapia e reconduzida às suas origens inconscientes (...)⁽⁴⁾

A escola inglesa de psicanálise, na toada kleiniana de identificação projetiva, propõe que o analista possa fazer um ótimo uso de sua identificação com o sentimento do paciente. Permite que o analista possa colaborar na nomeação desse sentimento, e por consequência e com sorte, facilitar na sua elaboração e ressignificação, que precisa acontecer fundamentalmente pelo paciente. O psicanalista Claudio Waks aposta na capacidade empática como fundamento para a prática enquanto:

(...) uma disponibilidade humana para funcionar como suporte de demandas afetivas, um deixar-se afetar e interpelar pelo pathos do outro no que este tem de enigmático, desmesurado e incomensurável. O cultivo dessa disposição subjetiva é um aspecto essencial na formação do analista e um dos elementos fundamentais de toda cura.⁽⁵⁾

Waks⁽⁶⁾ retoma as definições formuladas por Berger e Hinshelwood para trabalhar o comparativo entre empatia e contratransferência. A primeira caracterizando-se por um estado emocional vivido pelo analista em contato com o paciente como sujeito; e a segunda, um estado emocional vivido pelo analista em contato com o objeto do mundo interno do paciente.

Nesse sentido, uma empatia eficaz e produtiva estaria mais próxima da identificação projetiva, enquanto que uma contratransferência prejudicial seria muito mais um movimento do analista consigo mesmo. Provavelmente, porque o esforço de “esvaziar-se de si” não foi bem-sucedido o suficiente em sua própria análise. Grotstei, citado nesse mesmo artigo, explica que “quando a emissão projetiva do paciente é extremamente intensa, o analista perde sua capacidade receptiva/empática e é obrigado a ocupar-se com a contratransferência”.

Na definição de LaPlanche e Pontalis⁽⁷⁾, contratransferência é o “conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando e, mais particularmente, à transferência deste”. Trata-se de um conceito que divide opiniões e merece uma análise mais aprofundada do que este trabalho se propõe. O mais importante talvez seja ressaltar o aspecto inconsciente desse processo, enquanto que a empatia (no seu senso comum) parece ser uma sensação mais inofensiva, consciente e até mesmo benéfica ao tratamento.

“Como o outro faz eu me sentir” é algo que jamais pode ser ignorado e colocado para baixo do tapete pelo analista. Por outro lado, quando acreditamos que estamos “entrando no pathos do outro”, é necessário um sobreaviso especial no nosso sentir, agir e reagir. Há uma qualidade da empatia que é projetiva e criativa, e diz respeito a “se eu estivesse no lugar do outro, creio que me sentiria assim”. Esse movimento pode ser um caminho de encontro ao outro, assim como também pode comprometer a escuta e simplificar uma realidade psíquica da qual temos vestígios porém nunca a sua completude.

III.

MAIS UM TEXTÃO

Já que este trabalho está longe de apontar uma solução definitiva para o tema, aproveito esse espaço de conclusão para um desabafo pessoal.

Intuitivamente, acredito que a empatia, em termos gerais, é fundamental enquanto aspiração, porém é perigosa enquanto fato dado e consumado. Sei que, antes mesmo de refletir sobre a singularidade do sujeito, as insígnias sociais e culturais já são o suficiente para gerar um ruído na minha escuta. Eu, em meu nome, Lucas Liedke, pessoa física, só posso dizer e assumir que errei, e sigo errando, ao acreditar que eu não sou um sujeito machista, racista, homofóbico, transfóbico, isso para ficar no básico. Tem também o preconceito com o ladrão e o usuário de crack. Com o político, o empresário, o rico demais, o religioso demais, o sindicalista demais. Com quem fala demais, posta demais, faz botox demais. Tudo bem perto, na casa ao lado, dormindo na nossa cama.

Colocar-se no lugar do outro não é fácil como aparece no discurso da propaganda e no ativismo de aparências que lustra as bolhas das redes sociais. Se considerarmos a empatia efetivamente impossível, como lidar com essa impossibilidade? Parece haver duas formas muito populares, ambas arrogantes: 1) fazer da distância e da ignorância um pretexto para o preconceito, o radicalismo e a exclusão; e 2) a mais indicada hoje em dia, em uma espécie de ‘empatismo’, ‘empatite’ ou ‘empatose’, acreditar que eu também posso ocupar aquele lugar, traduzindo, distorcendo e limitando a realidade do outro à minha própria interpretação.

Sem perceber, eu aprendi a me apropriar de discursos marginalizados para me mostrar próximo, evitar conflito, aliviar a culpa e me eximir de algum tipo de participação e possível transformação da realidade. Como se estar supostamente consciente da dor do outro fosse o suficiente para acreditar que eu não sou uma pessoa alienada e opressora no alto dos meus privilégios. Erro meu. Se existe uma empatia menos delirante e narcisista, essa empatia exige a aceitação de que eu não ocupo nenhum lugar no mundo além do meu e que isso não exclui o meu interesse e o meu afeto pelo outro.

Se eu não sou assim, não sei como é ser assim. Posso ler sobre pessoas que são. Posso frequentar comunidades. Posso fazer amigos. Posso trabalhar com gente que é. Posso ter uma mãe que é. Um filho que é. Mas eu não sou. Então basicamente o que me resta fazer é praticar a escuta.

BIBLIOGRAFIA:

1. Google Trends
2. Dunker, C. Reinvenção da Intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. (2017)
3. Brown, B. "On Empathy" – <https://www.youtube.com/watch?v=1Evvqu369Jw>
4. Freud, S. Observações sobre o Amor de Transferência. (1915)
5. Waks, C. e Lescovar, G. "Texto de apresentação Seminário de Curta Duração: Empatia e clínica psicanalítica contemporânea – Aspectos históricos, filosóficos e técnicos – 2017"
6. Waks, C. Algumas considerações clínicas sobre o início de um tratamento: Contratransferência e Empatia.
7. Laplanche, J e Pontalis, J. Vocabulário da Psicanálise. (1982)

1º Semestre 2018

Ciclo VI

Aluno: Delza Rodrigues de Souza

Título: O EXERCÍCIO DA ESCUTA - FLUTUAÇÕES

Finalizando essa etapa de formação, procurei fazer reflexões em relação à experiência de falar para o grupo na sala, do meu primeiro atendimento, e das minhas primeiras escutas no dispositivo supervisão clínica.

Procurei também levantar as questões que me chamaram atenção, e as que mais permearam o dispositivo.

Cabe falar da transferência de cada um com a psicanálise, por que a psicanálise? Como chegamos a tomar contato com ela, isso também é muito singular.

No meu percurso foi à convivência em serviços de saúde mental com outros colegas psicanalistas. Da admiração da forma deles de escutar os casos, bem como, o efeito das intervenções, de cara parecia mesmo que havia algo “mágico”. A posteriori, meu percurso com minha própria análise, depois, até a procura de uma instituição para estudar psicanálise. Então, essa mágica foi traduzida para investimento, e construção desse trabalho de “ser” analista.

Passei por diversas questões: quando começar a atender? Perguntava-me, começo agora? Depois? Será que já posso? Além de questões subjetivas em relação à disponibilidade, havia outras questões concretas, de buscar consultório, e dividir o tempo com trabalho no hospital.

Depois, fui percebendo que a disponibilidade principal eu já tinha, que era desejo de exercitar, ocupar esse lugar de “ser” analista.

Avisada também que havia um compromisso com a sala, porque “esse material”, também é exercício de escuta para o grupo. Entre aspas, porque esse material era eu mesma, com minha escuta. Transmitir essas primeiras escutas gerou bastante ansiedade. Depois, fui sentindo que essa ansiedade tinha mais relação com a cobrança de “acertar”, do que em dividir minha experiência com grupo.

Com o passar dos encontros fui me sentindo mais segura, e trazer os recortes, e minhas inquietações com relação ao caso, foi tendo um sentido mais de troca com o grupo, e de escuta. Foram momentos de ansiedade, mas também de reconhecimento.

O acolhimento, o respeito, atenção, o jeito de apontar e pontuar da sala, a contribuição e delicadeza dos analistas que coordenaram o dispositivo, foram muito interessantes no sentido da pluralidade das escutas.

A experiência de trazer recortes do caso para sala é enriquecedora, mas a supervisão individual é fundamental. Posso dizer que estou construindo um jeito meu de escutar. Na sala discutimos muitas situações, em relação aos analisantes, que após as primeiras entrevista, ou após a primeira entrevista não retornaram.

Questões que mais permearam foram com a relação à técnica, e a escuta nas primeiras entrevistas (acordo de valores, frequência) e sobre transferência. Acredito que a transferência já é para ser considerada quando a pessoa chega. O que de primordial ficou para mim, é como a pessoa veio **trans-ferida**? É fundamental fazer conta disso nas primeiras entrevistas, como o analisante chegou até nós? Por quem e como?

Penso que a escuta nas primeiras entrevistas, depende muito de como chega cada pessoa, das demandas que trazem. Pelo que sei é de gente que está sofrendo, e vem dizer disso que sofre. As primeiras entrevistas são essenciais para apontar uma demanda. Qual é o pedido?

O exercício era escutar questões que o sujeito traz - e o que ele traz? Geralmente, o que ele sofre com o que lhe fizeram, não traz questões.

E quem trata disso? O analista. De que forma ele trata, como? Escutando. Como? De Onde? De que lugar? Do lugar de analista, do não saber, e, do saber psicanalítico - do inconsciente psicanalítico.

Freud em, em 1912, em seu artigo, Recomendações aos Médicos que exercem a Psicanálise, acerca da técnica da Psicanálise, diz como deve se posicionar analista em relação ao que escuta. "Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma atenção uniformemente suspensa' (atenção flutuante) em face de tudo o que escuta.

Quanto mais nos esforçamos em manter atenção, mais incorremos no risco de fazer uma seleção de determinado ponto da fala do analisante, e negligenciarmos outros.

Pensando na minha própria escuta, e na escuta dos colegas da sala, constatei que cada analista vai escutar a partir de determinados pontos.

Que pontos são esses? Do caminhar da sua própria análise, de certa apropriação dos conceitos, e linhas psicanalíticas e do próprio exercício de escutar seus analisantes.

Muito foi discutido sobre a escuta do recalcado. Fui percebendo que muitas vezes, eu mesma, atentava mais no sentido de procurar os atos falhos, tropeços, trocas de palavras, chistes. Ou de pensar quando a analisante vai trazer um sonho. E vi que é comum, os analisantes na apresentação de si, trazerem falas prontas, racionalizada e “desafetadas”. Ao passo que estava procurando escutar algo, já não estava mais em atenção flutuante. Essa escuta do recalcado é uma escuta complexa, e o recalcado não se mostra facilmente porque analista está esperando.

Figueiredo, LC, 2013 aponta que mais que uma terapia pela fala, a psicanálise é a terapia pela escuta. E prossegue: que a participação do analista, em relação à atenção flutuante é a disposição de mente do analista, de participar do encontro com inconsciente do paciente.

Problematizando que Freud também sugere o acompanhamento meticuloso das trilhas associativas. Estar atento as aparentes irrelevâncias, as coisas que se repetem, sem que o sujeito se de conta os desvios, os extravios e as surpresas.

Continua, dizendo que no capítulo V da Interpretação dos Sonhos, Freud ensina que os desejos nunca vêm de forma óbvia, completamente explícita e esclarecida. E que só podem vir á tona de maneira fragmentar, cifrada (símbolos criados para representar enigmas secretos), difícil de acessar e entender e segue:

Acompanhar os desenhos do desejo nas fantasias recalcadas, ir deixando que o paciente fale e acompanhe essas trilhas. Aponta ainda que essa unidade perfeita rompe-se no pensamento de Freud, e começa a ganhar importância, quando aparece da problematização da resistência e das suas formas.

Aponta ainda, para a ideia que não pode ser apenas a escuta do recalcado, mas escutar, as outras dimensões do inconsciente que estão no EU, que também vão se manifestar no início do ID, e também no Supereu. Então essa escuta tem que ser de todas as dimensões do inconsciente.

Vai percorrendo sobre a importância de se escutar um sistema de resistências, a escuta das angustias, dos mecanismos de defesa, e das relações de objeto. Relata á partir de diversos autores da psicanálise, á importância da flexibilização da técnica, e que a depender do paciente, na transferência, estamos em lugar de falhas de objetos muito primários, e de necessidades que pela vida inteira não foram reconhecidas.

Conclui ele, que o desafio da psicanálise contemporânea, é poder oferecer todas essas formas de escuta. Fazendo um paralelo da escuta psicanalítica com a escuta poética, que ele chama de escutas das necessidades mudas, dos sofrimentos em que a palavra falta, e parece nos obrigar a outros caminhos e espaços.

Pude perceber que o analista se faz escutando e escutando-se, que a formação teórica/prática, é um processo contínuo e interminável.

Fazer conta disso é considerar que a escuta de cada analista, também é singular. Está atravessado pela experiência da sua própria análise, mesmo que terminada. Nesse sentido, o analista, “nunca está pronto, concluído”, o desejo do analista (saber do inconsciente), é o que circula, é o que se movimenta também nos diversos dispositivos psicanalíticos.

O compromisso ético com a psicanálise convoca-nos a transmissão. Ao passo que lançar-se à experiência da escuta analítica que implica, que possibilita o outro escutar-se desejante, e falar da ocupação desse espaço, para outros analistas, é o próprio desafio da construção deste percurso singular, e da auto-autorização de si. É cuidar da manutenção desse sensível lugar perspicaz, de prurido, pulgoso, e pontual do analista.

Referências

Freud, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996.

Freud, S. Sobre o Início do Tratamento. In: ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996

Figueiredo, L. C. (2013) As Escutas da Psicanálise. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo- SBPSP- consulta feita em 21.09.2017 [online] Disponível na Internet <https://www.youtube.com/watch?v=U87JX4D7gZ4>